

# a summa

Revista Literária da Faculdade de Direito do Recife

## Homenagem a Cordel

Recife - novembro/2004 - nº 01



B869 05  
R454

DADSF

Ac. 324 625  
Sp. 8917973  
ex.!

Foi um trabalho cuidadoso, dias e mais dias de reuniões, palavreando, pensando, muitas idéias, muitas cabeças a pensar. Tanto esforço conjunto resultou na A SUMMA, uma construção da e para a Faculdade de Direito do Recife. Eis uma nova proposta literária para a ilustre Casa, uma revista com espaço para todos, desenvolvida à partir da participação e do desejo dos estudantes.

É com satisfação e humildade de quem entende essa primeira edição como uma conquista e como um primeiro passo, como início de um longo caminho a percorrer que apresentamos A SUMMA. Um espaço onde o espírito literário da Faculdade de Direito do Recife pode ser livre, pode ousar e persistir na formação da história dessa Casa que acolheu e acolhe grandes talentos na arte exata e inexata da palavra escrita.

Nossa primeira edição cultua a literatura popular, homenageia o verso curto, a rima fácil, as palavras encantadas que correm frouxas do pensamento dos tantos mestres da cultura popular. É uma homenagem ao Cordel, às estórias e histórias sustentadas no alto de tantos cordões estrada à fora. Cordel agreste desses mundos agrestes, cordel do pajeú de secas e esperanças, cordel de beleza, riso e pranto, cordel de muitos Zés, de muitos joãos, cordel dos poetas do povo. A SUMMA lembra a vida tanta, a tanta vida presente nas estrofes do velho Patativa do Assaré, a clareza dos versos do Zé da luz e "ai se sesse" a vida também tão farta de inspiração como a literatura desses cordões.

A SUMMA agradece a todos aqueles que participaram na sua construção, a todos os artistas da Faculdade de Direito que emprestaram seus poemas, seus contos, crônicas e outras estórias para preencher as páginas dessa revista, agradece a todos que revisaram textos, ofereceram idéias e apoio nessa conquista, agradece a todos os estudantes dessa Casa que acreditam no fazer literário dessa Faculdade. Iniciamos uma outra história, o nascer de uma idéia que se deu com muitas idéias, com participação.

Esperamos que a todos interesse as muitas linhas contidas nessa revista, esperamos que muitos outros se encantem e venham participar dessa construção então, eis... A SUMMA.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DEMÓCRITO DE SOUZA FILHO  
Gestão Interativa : Vamos nos Permitir

## Literatura de cordel: arte e alma do povo nordestino

Muito oportuna a decisão da Revista Literária, editada pelo Diretório Acadêmico Demócrito de Souza Filho, da Faculdade de Direito do Recife, de dedicar o presente número à literatura de cordel. Trata-se de uma homenagem que os acadêmicos de Direito, cultores das letras jurídicas, prestam à mais popular de toda a literatura brasileira, que é o gênero conhecido como "literatura de cordel", espelho da alma do povo nordestino.

A literatura de cordel tornou-se, para o humilde sertanejo, o veículo através do qual pode expor ao mundo sua cosmovisão. Os poetas populares iam de feira em feira, de cidade em cidade, expondo seus versos e narrando os grandes feitos de personagens lendárias que povoam o imaginário do nordestino.

Ao lado dessa atividade medrou outra, que foi a materialização dessas criações em formato de folhetos nos quais relatavam as sagas de heróis envolvidos em conflitos reais ou fictícios como a peleja de Lampião contra o próprio diabo, ou seu amor por Maria Bonita, ou ainda as tropelias de Trupizupi o raio de silibrina, ou versões de antigas gestas como a dos Doze Pares de França ou mesmo a guerra de Tróia, cuja história foi cantada por cegos nas feiras nordestinas, ganhando versão fonográfica na voz de Elba Ramalho... tudo isso encontra-se representado na literatura de cordel que, só com este exemplo, mostra o quanto a cultura regional bebe nas fontes da cultura universal.

As próprias raízes da literatura de cordel apontam para seus precedentes: os bardos da antigüidade, os menestréis da Idade Média e até insuspeitas influências dos árabes encontraremos na poesia e na

música sertanejas, afirma o Prof. Luiz Soler, no seu livro *As Raízes Árabes na Tradição Poético-Musical do Sertão Nordestino* (Recife: UFPE, 1978).

É através deste multifacetado universo cultural que floresceu a "literatura sertaneja", na qual o cordel é a materialização de uma determinada visão-de-mundo onde valores como honra, coragem, amizade, religiosidade, guerras e amores encontram a sua mais perfeita expressão e exaltação.

É possível traçar um perfil psicanalítico-antropológico do homem nordestino através de sua literatura de cordel. Aliás, aos cultores das ciências jurídicas é possível estudar o sistema de aplicação de um certo "direito" e de uma outra concepção de "justiça" que os nordestinos cultuam e que foram expressos na literatura de cordel: a luta do pobre contra o rico, do oprimido contra o opressor, a exaltação da valentia, o elogio à coragem, o desprezo à vida servil, a renúncia aos prazeres do mundo quando os anacoretas prenunciam as trombetas do apocalipse e clamam pelo retorno del Rei Dom Sebastião. A lista seria imensa se quiséssemos abordar a multiplicidade temática da literatura de cordel. Basta dizer que no universo cordelístico todas as preocupações existenciais do homem rude do sertão profundo encontraram vez e voz.

Assim, pois, a Faculdade de Direito do Recife, através de sua revista literária *A Summa* (que não é teológica porque não somos tomistas), presta este tributo de homenagem aos - na maioria das vezes anônimos - autores da nossa riquíssima literatura de cordel, cuja influência ultrapassou os limites da própria literatura,

gerando novas produções artísticas no teatro, no cinema, na teledramaturgia, na música, nas artes plásticas, na filosofia e na estética: Do pensamento armorial de Ariano Suassuna às gravuras Gilvam Samico, da música de Zé Ramalho às xilogravuras de J. Borges, das pinturas de Aluísio Braga aos filmes de Gláuber Rocha, dos repentes de Ivanildo Vila Nova aos poemas de Bráulio Tavares, tudo isso prova que o Nordeste, no aspecto cultural, é de fato independente.

Portanto, além de prestar um tributo à literatura de cordel, nossa revista tem como objetivo participar do reconhecimento da literatura de cordel enquanto modalidade singular da mais genuína arte popular nordestina, a qual devemos reconhecer os méritos porque é através da literatura que um povo sedimenta os seus valores mais singulares ao mesmo tempo que incorpora aqueles mais universais, construindo através desta síntese cultural a sua própria personalidade e, em conseqüência, projetando o seu futuro e sua sobrevivência neste caótico período neocolonial no qual assistimos a tentativa de homogeneização de uma pseudocultura globalizada.

A literatura de cordel torna-se, desta maneira, uma literatura de combate e de resistência cultural para que os nordestinos participemos como sujeitos, e não como meros objetos e consumidores, de uma nova era multicultural.

Com o intuito de fortalecer a literatura de cordel é que a ela dedicamos o primeiro número da nossa revista cultural *A Summa*, que ora apresentamos à comunidade acadêmica da Faculdade de Direito do Recife.

## expediente

Anderson Vieira, Caesar Malta, Caroline Jordão, Débora Marinho, Ecleston Brito, Geraldo Maia, Gustavo Ladosky, Marcos Oliveira, Renata Celeste, Rodolfo Cabral, Romero Barreto, Victor Reithler.

## Um palco de idéias

Eis a palavra em prosa da Faculdade de Direito do Recife. Palavras que vão construindo frases, frases que vão revelando pensamentos, pensamentos envoltos no imaginário, no real, no concreto e no abstrato. Eis, aqui, o relampear de outras estórias ou histórias se revelando na arte da prosa. Coisas de ontem, hoje e amanhã.

As próximas páginas contêm mais um cerne de literatura da ilustre "casa de Tobias". São as letras de nosso tempo.

Talvez você se detenha em alguns aspectos sagazes, aspectos tão machadianos. Nos ensaios, o mundo surreal, um passaporte

para desvendar Hannah. Pode ser que se deleite no humor e sarcasmo da "porcolândia". As palavras em prosa revelam até mesmo a "Natália", guerreira de Trótski. Em algumas palavras um "gosto de bilis" tão comum em Dostoiévski. Em outras palavras um mergulho na ausência de um tu, de um eu, a busca de significado e o gosto de mistério em cem anos de solidão.

Então, eis aqui a prosa dos nossos dias, se revestindo em contos, crônicas, ensaios, críticas e outras criações... eis a prosa e seus encantos no nosso primeiro número d' A SUMMA.

## Super Nova

Ceará

I

Há nove planetas em torno da estrela amarela. Órbitas elípticas, no enlaço da gravidade. Opacos, numa galáxia em espiral como tantas outras. Não chamam muito a atenção. Ali, no entanto, há vida. Vida! O que permitiu à matéria tomar consciência de si. No terceiro planeta do sistema solar, nesta esquina afastada do espaço-tempo, surgiram os aminoácidos. E da apoteose das probabilidades emergiu o gênero humano.

Seres humanos. Seis bilhões. Que serão, afinal? Basicamente carbono. Quantidades extravagantemente altas de partículas quânticas, arranjadas na indecifrável arquitetura cósmica. Estruturas helicoidais - e outras formas geométricas menos bizantinas - arrumadas em células que, obedecendo a desígnios inescrutáveis formam um todo orgânico consciente da própria mortalidade. Seres humanos. Animais presumivelmente racionais. Seis bilhões. Adulterio. Vaidade. Que espetáculo!

Observando o globo atentamente, vemos calotas polares, placas tectônicas, flutuando na rocha derretida, florestas, desertos, oceanos... Aqui, delicada e exuberante, a vida tomou conta da superfície. A matéria atingiu o paroxismo de sua complexidade. Planetinha admirável! Uma partícula de poeira, apenas, flutuando nas lufadas de radiação. Uma partícula infinitamente complexa, é verdade, desafiando toda a criação com seu enigma, mas ainda assim

uma partícula. Esmagada pelo peso da treva.

E nesta minúscula esfera - ai de nós! - quarenta e um seres humanos, em certo instante da história do mundo, aborreciam-se numa abafada sala de aula. Espremidos entre o macro e o microcosmos, insignificantes, eles ignoravam o absurdo da própria condição. Estavam quase no equador, apodrecendo vivos na umidade, cozinhando a fogo baixo. Avançavam pelo espaço, sem o notar, rumo a sabe-se lá onde, cada vez mais distantes do pequeno ponto onde o universo começou. Não pareciam, entretanto, importar-se com isso. Eram quarenta estudantes e um professor: um modesto subconjunto da irmandade humana. Não se destacavam de seus iguais nem pela composição química nem pelo patrimônio genético. Totalizavam mil oitocentos e oitenta e seis cromossomos, talvez um pouco mais, um pouco menos, dadas as particularidades individuais. O que estudavam? Direito Tributário.

As nuances da matéria são indecifráveis. Que vem a ser o Direito Tributário? Partícula ou onda? Como aferir sua massa molecular? Difícil responder. Indiferentes à estas questões, eles o estudavam. Anotavam quanto podiam das explicações do professor. Este, por sua vez, concentrava-se no próprio discurso, transpirando afetação. Três dos alunos pensavam em sexo. Duas meninas intercalavam as anotações com delírios de grandeza, cheios de processos, julgamentos

e objetos fálicos. Um grupo juridicamente menos apto observava os pássaros através das janelas. Os demais tinham os cérebros em letargia, imersos em vagos pensamentos, nos quais ventiladores, cadeiras, impostos, rachaduras e professores misturavam-se num todo assustadoramente coeso. Um rapaz, porém, no canto da sala, fisionomia esquelética, ares neuróticos, pensava em sangue e morte, embora não buscasse, agindo assim, chocar quem quer que fosse.

Enquanto plancks de energia transbordavam nos céus, além, nosso batalhão esforçava-se por assimilar a sabedoria jurídica. Mal sabiam que num extremo afastado do cosmos, exatamente naquele instante, uma estrela lançava seus estertores, prestes a sucumbir e transformar-se em supernova, uma explosão de luz e matéria inimaginável. "Que é um professor de direito tributário diante das supernovas?" perguntava-se no canto da sala o rapaz magricela - cujo nome era Alfa Centauro. Uma boa pergunta, e antes que alguém questione a verossimilhança de tal pensamento no cérebro de um aluno de direito, são indispensáveis alguns esclarecimentos. Este estranho moço fazia parte da limitada confraria de Homo sapiens que ainda ousam contemplar os abismos do firmamento. Deslumbrados com a própria pequenez, admiram os astros enquanto remoem o enigma da escuridão. Ou seja, quase sempre são pessoas anti-sociais, imprestáveis para ocupações decentes. Alfa

Centauro não fugia à regra. Era o extremo oposto de seu professor - que se chamava, por sua vez, Frangolino. Este era doutor, título da mais alta relevância cósmica, como todos sabem. O presente caso é emblemático, já que o diploma foi obtido em universidade europeia - o que, se não torna Frangolino um Buda, atesta seu status de Bodhisattva. Além de doutor, era homem prático, bom de garfo, corado, adverso a idéias e arroubos de imaginação. Um cidadão respeitável, enfim. Quem entenderá a teologia das probabilidades?

Alfa Centauro era o único dentre os ali presentes capaz de se interessar por supernovas. Sujeito esquisito, morria de aborrecimento naquela manhã. Antes de ser assaltado por idéias sanguinolentas, ainda tentou se concentrar na explanação de Frangolino - um atropelo polissilábico, no melhor vasconço jurídico - mas antes de cinco minutos já estava olhando os cinco ventiladores na parede, concentrando-se no movimento das hélices. Ocasionalmente rabiscava algo no caderno - geralmente criaturas tentaculares, vagando entre as estrelas - ou metia seu estilete no apoio da cadeira, danificando o patrimônio público. Às vezes amassava uma folha de papel, com muito cuidado e atenção. Rasgava as pontinhas, virava-a, amassava novamente, desamassava. Observa as formas. Amassava mais uma vez e esmagava-a com o punho. Pessoas entediadas fazem coisas estranhas.

"Filho da puta", pensou, e quis jogar a bolinha de papel amassada na cabeça do professor. Aqui começaram suas sanguinolentas divagações, de que já falamos. "Por que simplesmente não me levanto, enfió a caneta em seu olho e corto a garganta com o estilete?" Atire a primeira pedra quem nunca teve uma idéia dessas. Quantas vezes, diante um precipício, não somos morbidamente assaltados pela idéia de nos atirmos? Garanto que Alfa Centauro não foi o primeiro a pensar em algo do tipo. A história da humanidade é cheia casos de pessoas aborrecidas que resolvem matar velhinhas e professores com canetas ou machados - tanto faz - para expurgar do mundo a mediocridade. Quantos, antes de nosso herói, não desejaram espetar o cobrador de ônibus com uma lança, atirar a tia-avó no poço das serpentes, ou crucificar aquele cara chato de barbicha só por piçarra? Há até um relato muito confiável - se não me engano escrito por dois cronistas alemães - de duas crianças que empurraram uma indefesa velhinha, habitante do bosque, num forno a lenha. Por que estranhar, então, se o

aborrecido Alfa Centauro, naquela manhã modorrenta, cogitou lançar-se contra o indolente Frangolino, perpassar sua córnea e retina com a caneta de aço, perfurar o nervo ótico e, quem sabe, com sorte, cravar a ponta na fissura orbital?

Não julguem mal nosso protagonista. Era um bom rapaz, no fundo. Embora visivelmente neurótico - e um pouco esquizofrênico, como todos somos - era quase sempre educado, independentemente da classe ou aparência do interlocutor. Um jovem amigável, cujo maior defeito era a falta de originalidade de seus planos criminosos. Não abominava a mediocridade em si de Frangolino, até mesmo porque isto seria um absurdo. Onde já se viu, culpar alguém pelo desfavorecimento genético, um fator completamente alheio ao arbítrio humano? Somente na Alemanha e em Israel, é claro, o que não conta. Os limitados, na verdade, só nos causam compungimento. Somos todos, mesmo os conquistadores e gênios, no fim das contas, insignificantes diante da grandeza universal. O que irrita, na verdade, é ver um filho da puta empertigado, olhando o mundo como se fosse o dono, peito inflado, arrogante. Mesmo diante dos quasares, das nebulosas, esta ordem de homem, da qual fazia parte Frangolino, reluta em admitir a própria pequenez. Isto ofendia profundamente o pudor de Alfa Centauro. Por esta razão, somente, ele cogitou do assassinato.

Frangolino era gordo, olhinhos pequenos como os de um barrão, faces coradas, sobrancelhas espessas, testa curta, atrás da qual seu encéfalo ruminava a própria vaidade e a lógica das leis. Nasceu rico, filho de uma longa linhagem de juristas e burgueses bem sucedidos, cuja origem remonta a um desterrado português, filho bastardo de jesuíta. Estudou nas melhores escolas, bacharelou-se com louvor, viajou pela Europa, onde adquiriu a irremovível condição de doutor. Com cinquenta e três anos, era um advogado bem sucedido, podre de rico, pai de três filhos - todos ávidos apreciadores de lança-perfume - e habitava um condomínio fechado na zona nobre da cidade. Já Alfa Centauro tinha somente vinte e dois anos, massa corporal abaixo da média, e era míope como uma toupeira. Filho de funcionários públicos, tivera a melhor instrução que o dinheiro de seus pais pôde comprar. Apaixonado pela astronomia, resolveu estudar direito pela força das comodidades - e pelas exortações de seus pragmáticos pais - o que talvez explique o resquício de senso crítico que possuía. Era um pouco moreno, com os olhos ligeiramente esbugalhados.

Não era um néscio.

Os minutos escorriam lentamente. Frangolino parecia não se cansar. Alfa Centauro, ao contrário, apertava com força a caneta na mão, angustiado. Ele sabia que uma bifurcação aproximava-se inexoravelmente de sua vida. Havia somente duas possibilidades: ou permanecer sentado, e permitir que a aula prosseguisse por mais hora e meia, e conformar-se com um futuro maçante como jurista, ou levantar-se abruptamente, avançar até o púlpito e redimir-se através do sangue, despejando sobre aquele parasita o desespero que há no fogo da eternidade. A vida é cheia desses dilemas: ou comemos a torrada ou coçamos o nariz. Poucos acreditarão, mas da escolha que faremos podem surgir dois universos, intrinsecamente diferentes: um no qual comemos a torrada, outro no qual coçamos o nariz. É o que os físicos e maconheiros chamam de linhas temporais. São caminhos possíveis, todos reais, universos-espelho, diferentes apenas em alguns aspectos. Cogita-se que existam infinitos mundos assim. Alfa Centauro sentia que estava diante de uma dessas ençruzilhadas quânticas que podem mudar a vida de um homem.

A aula estava acabando. Alfa Centauro estava enopado de suor. Gotas abundantes pingavam de suas têmporas. Ele olhou o estilete. Estava bastante amolado. Encarou o professor que, altivo, armani azul escuro, destrinchava a sabedoria dos antepassados. Frangolino tinha o cérebro do tamanho de uma casca da noz, mas se achava rei do espaço infinito. "Quem ele pensa que é diante das supernovas?", perguntou-se Alfa Centauro, e mais uma vez foi assaltado por pensamentos galácticos. "Como é possível uma criatura viver tão cheia de si enquanto a noite é preenchida por tanto horror?"

O professor vivia num mundo cômodo, racional, lógico, onde as coisas evoluem, rumo à perfeição. Uma realidade compreensível, sem enigmas. O que Alfa Centauro mais desejava era estilhaçar esse mundo, despejando sobre ele a incompreensão da realidade, a impassibilidade gélida do vazio, e fazer com que uma pequena porção do inferno sombrio além do sistema solar invadisse a sala de aula, levando alunos e professor - principalmente este - a contemplar a face do caos, aterrados. Da garganta de Frangolino não jorraria sangue, mas a escuridão não jorraria sangue, mas a escuridão impenetrável da noite, e de seu olho verteria a luz dos pulsares, purificando a sordidez. Seria delicioso!

Alfa Centauro inquietou-se em sua cadeira. Ele sentia que era chegada a hora. Um colega

sentado à esquerda suspeitou que algo estranho estivesse se passando. Não havia escapatória. Era agora ou nunca. Matar ou morrer, literalmente, ao menos no concernente ao primeiro verbo. Faltavam menos de dez minutos para o fim da aula. Ele contraiu os músculos para tomar impulso. Tinha de ser rápido. Segurou o espaldar da cadeira à sua frente e tomou fôlego. Por alguma razão, sentiu que exatamente em seis segundos teria que fazer sua escolha, e decidir em que universo iria de viver: no que tinha Frangolino ou no que não tinha. Cinco segundos - apanhou a caneta; quatro - empurrou para fora a lâmina do estilete; três - lambeu os beijos; dois - observou o caminho que traçaria; um - fechou os olhos. Exatamente naquele instante, num dos limites do espaço sideral, uma estrela explodia em supernova, consumindo tudo ao seu redor. Isto, é claro, não possui qualquer relação com os acontecimentos que narramos, muito menos encerra um significado oculto, como poderiam pensar os mais supersticiosos. É somente uma coincidência digna de nota, além de um fenômeno lindo de se observar, à distância, no frio da imensidão.

1 O autor jura de pés juntos que não é por comodidade narrativa. Pessoas neuróticas têm desses caprichos.  
2 O narrador onisciente sabe tudo.

## II

Alfa Centauro acabou tornando-se desembargador. Casou, teve filhos - que cheiram lança-perfume no carnaval - e comprou um apartamento de cobertura em condomínio fechado. É rico e respeitado.

Ocasionalmente sofre de insônia. Nestas noites, enquanto sua esposa dorme, ele lembra de uma manhã abafada, quando ainda era estudante, na qual foi tomado por uma crise nervosa. O professor interrompeu a aula, e ele foi levado até o banheiro, onde vomitou muito. Estava extremamente pálido, tremendo de frio, à despeito do calor, e ensopado de suor. Um amigo deu-lhe carona até sua casa, enquanto ele reclamava do gosto de bilis na boca.

Atualmente também é professor - pós-doutor - nas melhores faculdades de direito do estado. Escreveu vários livros, é reconhecido por todo o país, e já foi citado por autores estrangeiros. É invejado por sua carreira e por sua notável inteligência.

Às vezes, quando viaja à noite por uma estrada deserta, Alfa Centauro pára o carro no acostamento. Solitário, longe do teatro da sociedade, ele se permite alguns devaneios, como os de sua juventude. Passa alguns minutos admirando a luminescência celeste, pensando em quasares e estrelas de nêutrons. Acima ferve a criança cósmica. Ele sabe que lá, na distância incomensurável, objetos indecifráveis, rodopiando, pulsando, refulgindo, pontilham o abismo. São os sonhos da criança cósmica. Nuvens violáceas, fendas no espaço, buracos negros, gases, absurdos dédalos pelas dez dimensões. O tempo, irmão da entropia, flui, vertendo a decomposição sobre tudo, dispersando energia e luz. Em todas as direções, o vácuo é preenchido pelo silêncio e por solitárias ilhas de matéria, faíscas na fuga cósmica, caldeirões atômicos de temperaturas estonteantes. E no coração sombrio do existir, distante, inacessível, o espaço dobra-se, abrem-se os portais do Uno, além dos quais nada há, além de presenças, cegas, inacreditavelmente enormes, nem vivas nem mortas, intumescidas, tateando o nada em busca de um escape. A imensidão é desesperadora. Diante do infinito, tudo é uma fração.

Inesperadamente, no irreversível fluir dos bilhões de anos, a noite preenche-se de intensidade, e porções gigantescas da vastidão são mergulhadas em luz purificadora. Supernovas são de beleza delicada e inefável.

Nestas ocasiões, sentado à beira do caminho, às vezes Alfa Centauro chora, enternecido. Diante do espetáculo estelar suas frustrações e a morte de seus sonhos parecem insignificantes. O tédio torna-se suportável. Então ele prossegue viagem, cheio de esperança. Em seu íntimo, sabe que numa linha temporal alternativa, num instante qualquer da cronologia dos mundos, quarenta e um seres humanos contemplaram a face do caos.

## III

Solitários expectadores do silêncio noturno, nós, homens, despertamos da matéria no fluir dos eons, lutamos contra nossa própria ignorância e solidão, abandonados, desesperados, clamando por luz. Vivemos num cosmos enorme, indecifrável, e talvez um dia, após o delicioso e momentâneo despertar, retornemos ao esquecimento, deixando para trás somente esperanças perdidas, um delicado legado. Só nos é permitido prostrar e esmurrar o peito diante da música das esferas.

## Pronomes Pessoais

Ela era uma advogada bem sucedida, famosa, apesar de ter pouco tempo de formada. Tinha vinte e sete anos de idade. Ele era um tímido irremediável. Tinha medo do que as pessoas podiam achar dele, de seus atos, de suas manias. Preferia não sair de casa. Ganhava dinheiro escrevendo crônicas para jornais, coisa que fazia espetacularmente bem.

Ela era fã incondicional dele. Adorava seus artigos, apesar de não saber o nome do autor. Ele jamais assinava suas obras. A insegurança sobre o que os outros iam pensar não permitia. Era um deleite para aquela advogada ler os textos inteligentes e engraçados dele. Já para nosso autor, era uma penúria criar coragem pra clicar em 'enviar' e mandar os textos da semana para editores, via email.

Ela, um belo dia, decidiu que descobriria seu autor preferido de contos, crônicas e artigos. Ele, nesse mesmo dia, tinha acordado decidido a desistir de escrever. Não que aquilo não o fizesse feliz, o fazia e muito, mas o desgaste de toda semana esperar ansioso pela repercussão de seus escritos era tamanho que ele não agüentou. Iria no outro dia de manhã falar com seu editor e explicar os motivos da desistência.

Ela tomou a atitude. Depois de tentar por todas as formas possíveis descobrir nas redações dos periódicos quem era o autor dos textos, resolveu que iria publicar uma nota paga nos jornais, pedindo que seu autor predileto perguntasse na redação o telefone de sua fã. Ele folheava o jornal tristemente, pensando que era a última vez que veria seus textos publicados. Foi quando viu uma foto dela, numa reportagem que tratava de advogadas de sucesso. Por algum motivo, o belo rosto daquela garota lhe chamou a atenção.

Ela abriu o jornal e deu de cara com sua nota paga ao lado da crônica dele, que tratava da beleza feminina. Ele derramou o café quente em cima de suas pernas quando abriu o jornal daquele dia e deu de cara com a nota, pedindo gentilmente que o autor dos textos solicitasse ao editor do jornal o fone dela, pois queria conhecer o mesmo.

Ela passou dias pensando naquilo. Toda vez que seu celular tocava, esperava que fosse o autor desconhecido e nunca era. Sua mãe, uma cliente de cujo marido acabara de encher a cara de bolachas, um vizinho falando do vazamento no andar de baixo. Nunca ele, que passou os dias mais insólitos de sua vida. Agora tinha a foto dela recortada do jornal pregada na tela do computador. Sempre que dava uma pausa em seus escritos, olhava aqueles olhos cinzas e pensava onde ela estaria agora, e escrevia mais e mais, cada vez crônicas mais belas, singelas, sem o humor de antigamente, mas com traços de ternura e paixão que envolviam mais e mais o público. Era um excelente escritor, sem dúvidas.

Ela agora estava triste. Com certeza, havia uma mulher na vida dele. Seus textos há muito tinham mudado de tom. Continuavam belos, sem dúvida, mas pertenciam não mais a um homem inteligente, mas a um homem inteligente e apaixonado. E a paixão não era por ela. Uma pena. Ele a cada dia que passava estava mais perturbado. Ligava ou não pra sua fã? Nunca tinha tido uma fã. Não de verdade. Seus textos sempre foram elogiados na seção de cartas do jornal, mas nunca alguém o tinha procurado assim tão descaradamente com o intuito de conhecê-lo. Suas noites eram momentos de dúvida, angústia, enquanto pensava na possibilidade de sua fã o odiar, detestar, ter asco e nunca mais voltar a ler seus textos. Ao mesmo tempo, olhava para sua bela advogada e se deleitava. Um verdadeiro mister de sentimentos.

Ela desistiu. Resolveu que não ia mais esperar seu escritor anônimo ligar. Seu último texto tratava de paixões por pessoas desconhecidas, e ele criticou bastante a postura de se apaixonar por quem não se conhece. Ela achou que era uma crítica pesada a sua atitude de publicar a nota. Achou que o autor achara que ela tinha caído de amores por ele. Finalmente ela se deu conta que era verdade. Ela o amava. Amava suas letras, seus parágrafos, sua

escrita. Queria conhecê-lo ardentemente. Precisava vê-lo, acariciá-lo. Ele amava sua foto. Sonhava com a advogada do jornal por quem era apaixonado. Nem a conhecia, mas a adorava. E criticou isso em seu último texto. Fez uma autocrítica. Com podia amar o abstrato, algo que não se conhecia, do qual nada se sabia? Era um grande tolo. Pararia de escrever dali em diante.

Ela então escreveu uma nota paga com resposta para seu escritor e mais uma vez a publicou ao lado do artigo dele. Estava triste, magoada com o último texto, e foi extremamente severa na nota. Disse que nenhum de seus artigos prestavam, que era tudo da pior qualidade, que ele deveria se envergonhar de fazer aquilo e que dali em diante cancelaria a assinatura daquele jornal, pois não suportava mais ler um veículo de comunicação que empregava tamanho picareta. Ele estava completamente chocado. Veio o que tanto lhe dava medo. A Crítica. Criticaram pesadamente seus textos. E somente porque ele fez uma autocrítica de sua paixão platônica pelo recorte, agora amarelado, do jornal. Se sua fã o criticava, realmente tinha perdido o talento, que era tudo que lhe restava.

Ela leu estarecida o texto dele onde contava cada passo de sua vida de uns tempos pra cá. Viu abismada que o artigo falando de paixões por desconhecidos era uma crítica para ele próprio, por ter se apaixonado por uma foto. Em seu "último escrito para o jornal", que era o título em negrito, ele pedia desculpas também à sua fã desconhecida, por não ter tido coragem suficiente para dar-lhe um telefonema. Disse que toda sua vida tinha sido um erro e que resolveria tudo logo em seguida. Ponto final.

Ela chorava desconsolada. Não mais leria os textos dele no jornal. Não mais se deitaria relendo as coisas que seu amado desconhecido escrevia. Ele, resolvera seus problemas com a vida. Jamais teria de ouvir críticas nem se angustiar sobre o que fazer ou não. Ela, arrasada por ter amado suas letras. Ele, arrasado por ter se apaixonado enlouquecidamente por sua imagem. Ela chorava por não ter mais seus textos. Ele lamentava por não mais poder ver a foto. No entanto, resolvia sua pendenga com a vida, enfim não tendo mais nada a temer. Estava findo sua história. E ela jamais soube o quanto foi amada por ele e ele, nem em seus últimos momentos, quando pôs fim a suas tristezas, suspeitou que já tinha, sem saber, o que mais queria: o amor dela.

## A mulher de Trótsky

Ela tinha uns olhos arregalados, um quê de espanto sempre brotava do seu olhar. Era como se a cada instante, a cada fotografia de coisas, uma revolução estivesse para acontecer. Seu andar possuía aquela marcha juvenil que atravessa sem medo as verdades e mentiras do caminho.

Ele, por sua vez, não tinha muita expressão, embora tivesse lá algumas convicções e vez ou outra um pensamento sem estreiteza. Não. Não era possuidor dos mesmos dons de oratória do outro. Nem tampouco conhecera as cores de Frida Kahlo como o primeiro. Seu nome era herança do desejo de seu pai, desejo e admiração por um socialismo que não veio.

Mas qualquer observador- nem precisava ser observador- diria que as chaves das portas daquele homem, era sua mulher.

Trabalhavam juntos, dividiam coisas juntos, assistiam ao desespero lado a lado e lado a lado sorriam das bobagens circunspectas da vida.

Mas todos sabiam, todos mesmo; amigos, parentes, colegas de "trabalho", pedestres, pedintes, o rapaz da lanchonete, o porteiro do prédio... todos. Todos sabiam que estava nela a inspiração, a palavra, o ato, a força maior. Todos viam que na ausência dela, se fazia ausente o próprio existir. A razão se desvanecia. Silêncio. Sim. Nos atos dela se figava razão mesmo quando o emocional, aparentemente insano, dominava a situação.

Ele era manso. Poderia passar incólume nos recantos da cidade. Ela não. Sempre

despertava reações, parecia trazer no timbre da voz o recado de Sartre: " sempre temos razão em nos revoltarmos". E sempre fazia questão de passá-lo.

Por isso suspeito que aquela mulher, incansavelmente, lutava todos os dias por algo diferente. Brigava com os outros e com ela mesma. Sim. Porque às vezes também se traía e outra vez era necessário fugir de si para garantir o equilíbrio.

Mas todos nós precisamos fugir de nós mesmos alguma vez, em troca de alguma outra coisa. Mesmo que a gente não perceba isso.

Confesso que minha atenção nasceu voltada para Trótsky. Não pelo que representava, e sim pelo sugestivo nome com que houvera sido batizado. Meu interesse em alguns momentos se deixa atrair pelo místico. Mas no decorrer do tempo em que ficara naquela cidade pude concluir que de sonho e lutas aquele homem só havia herdado o nome de batismo. De resto somente ficara sua apatia em seus exercícios de lucidez.

A poesia da mudança era sua mulher, o canto e a prosa do acontecer, porta-voz da indignação e atriz da reação em um palco carente de heróis. Em uma estrada mal traçada. Em um tempo já desgastado pelas tentativas do próprio tempo.

Creio que foi isso. Foi essa inversão a responsável por minha aproximação do casal. Esse detalhe. Essa "história" invertida.

O Trótsky que caminhava através dos pés de sua mulher. O Trótsky que não tinha

preocupações com a história, que não se importava em fazer, ser ou não ser.

Entre as retas paralelas somente um ponto em comum: a fortaleza residente na existência de duas mulheres. A primeira que permitiu acontecer, a Segunda que construía o acontecer.

Quando deixei a cidade a mulher de Trótsky se preparava para as eleições. Seria mais um ato para a sua história. Mais um risco. Mais um início...

Algum tempo depois, tive notícias da cidade num canto do mundo por que passei. Soube que a palavra dela era a mais metálica da cidade e também a mais inovadora. Sua voz era o revestimento das estruturas daquele lugar.

Pensei comigo mesmo dos perigos que ela enfrentaria. Se ela sabia da lâmina que fere os dois lados. Do desencanto do real. Acho que sim. Aquela mulher enxergava a tênue medida entre a terra plana e o abismo, mas ao contrário da maior parte sua escolha era pagar o preço. Não importava o resultado, importava um resultado e ela sabia que era suficiente para sua prova.

Não sei se as pessoas admiravam o que ela fazia ou como ela pensava. O que sei é que ela era admirada.

Esquecera de mencionar como se chamava a mulher de Trótsky, é que esse era um outro detalhe, pois ela atendia... também atendia, pelo mesmo nome que se chamava a primeira que apareceu na "história".

## Eleições na Porcolândia e o pobre Adamastor

Fernando Oliveira

Era uma vez uma cidade dos porcos. Havia muitos porcos. Muitos mesmo. Certa feita, um porco muito estudioso disse que para um Porcuado (povoado de porcos) viver em democracia, era necessário um certo empenho por parte dos porcodãos (semelhante a cidadãos). Democracia não é mantida gratuitamente. Tem um preço. E o apressado não tem preço. E viva o Deus dará... Pois bem, os porcos vivam em um Porcuado democrático e faziam por onde manter o direito de eleger seu representantes. Sempre

iam as urnas e escolhiam aqueles que eles julgavam ser os melhores administradores da Porcolândia (sinônimo de porcuado, sendo que de maiores proporções). Eram verdadeiros amantes da política. Viviam por ela e para ela. Digamos que viviam imersos nela.

Teve um certo dia que iria ser votado o presidente dos porcos, o porco-mor do Porcuado Aquele que cuida de defender o interesse de todos, briga pelos seus direitos, administra os recursos de alimentos,

conserta os problemas no chiqueiro, ou seja, um porco otário. Como todos nós sabemos que porcos não são otários, essa é uma característica inerente ao homem, deduzimos que por trás das atividades de defesa dos interesses da Porcolândia havia fins, digamos, escusos. Alguma coisa que todos sabiam o que era, mas ao mesmo tempo não sabiam. Ou fingiam que não sabiam. Mas isso é tema para outro conto. Voltemos as eleições.

Concorriam três candidatos. O Porco

Uberaldo era candidato a reeleição: homem honesto, verdadeiro "fazedor de políticas", muito competente na administração do Porcuado e de seus interesses, óbvio, e sempre atento aos conselhos dos seus companheiros porcos. O único problema é que muitos porcos achavam Uberaldo chato. Sinceramente não sei qual é a relação que existe entre chatice e competência, mas isso era um problema para Uberaldo. Na oposição estavam Adamastor e Cledinildo, porcos recém ingressos no ambiente da política, por isso fortes candidatos! Livres de quaisquer problemas ou intrigas comuns nesse meio.

Adamastor era um porco inexperiente e sonhador. Acreditava que poderia fazer o bem aos outros porcos e realmente poderia ajudar a todos. Coitado. Há quem fale que Adamastor já foi presidente dos porcos em outra encarnação, mas isso vai depender de uma perspectiva jus-religiosa-espírita de quem se tente convencer do fato. Cledinildo também era um porco bom. Popular entre os outros comuns.

Se o leitor for um pouco perspicaz pensará que Adamastor e Cledinildo não ganharam as eleições, pois a política não é feita de homens bons, mas espertos, certo? Errado. Por trás de Adamastor e Cledinildo havia o Porcalhão Ubirastor, esse sim político de talento. À altura de Uberaldo, sendo que com uma vantagem: nessas eleições, era um elemento surpresa! Uberaldo, ainda acostumado com os louros de anos de administração, não tratou de arquitetar um bom plano político. Enquanto Ubirastor chamou os aliados, pediu votos, prometeu cargos... Resultado: Cledinildo ganhou as eleições e Adamastor ficou sendo seu vice.

Seria mais uma história bem sucedida de manobras "políticas" até que um triste fato ocorreu. Adamastor percebeu que não poderia ajudar os seus amigos onde estava, pois descobriu que o poder, sobretudo político, traz muitos ônus. Antes ele que só tinha amigos, ficou com inimigos. E até os amigos dele, companheiros de partido de Uberaldo, falavam-lhe mal pelas costas e tratavam-no com indiferença. Triste fim de Adamastor que se matou. Até hoje ninguém sabe o motivo, mas ele morreu. Provavelmente Cledinildo, homem também bom, ainda recém entrado na política, talvez mais tarde também tivesse o mesmo caminho, mas terminou seu mandato ganho naquelas eleições.

Uberaldo mais tarde seria eleito novamente presidente do Porcuado. Talvez os outros porcos descobrissem que competência e chatice não se misturam... E o bom e velho Porcão Ubirastor seria eleito o Grande Presidente da Porcolândia, algo bem maior que a Presidência do Porcuado, graças à política. E os porcos continuavam fazendo jus ao direito deles da Democracia e viveram felizes para sempre na política e para política, todos na lama.

## Princesinha

Ramiro Oliveira

De súbito essa exclamação ressoou em sua cabeça, quebrando toda tranqüilidade gerada pela confortável sensação de dever cumprido. É verdade que a noite havia sido um sucesso. O discurso proferido de improviso fluiu naturalmente, sem os habituais caprichos indesejáveis, quase sempre inseparáveis do ato de falar em público. Os parabéns e demais congratulações lhe pareceram sinceros e, às vezes, até comoventes. Reinava a mais perfeita harmonia, o que necessariamente o conduzia àquele sentimento agradável que misturava o bem estar de um alívio com a pequena ponta de uma satisfação exitosa.

Tudo, enfim, ruína com aquele impertinente (ou seria pertinente?) pensamento. A peremptória tempestade finalmente se instaurava depois de uma branda, porém breve, calmaria. Estava no carro, a meio

caminho entre sua casa e o lugar de onde há pouco havia distribuído inúmeros autógrafos para os futuros leitores do seu recém-publicado livro de estréia, quando, num sobressalto, aquela observação, vinda dos círculos mais profundos do inferno de seu inconsciente, forçou passagem por entre as doces reminiscências que povoavam sua mente e se impôs de modo irrefutável à sua consciência.

Não havia como ignorar. O prazeroso estágio anterior acabara de ceder lugar ao crescente turbilhão que tinha início num pequeno incômodo e ia evoluindo gradualmente por uma sensação tormentosa de angústia, até culminar no mais completo desespero. "Talvez não seja tão grave assim" pensou ele, dessa vez movido mais por uma reação de auto-defesa, fruto do enorme desespero que aos poucos o tomava, do que

por uma reflexão ponderada, benesse que só pode advir de uma situação em que dominem a tranqüilidade e a paz de espírito, graças que, naquele momento, o haviam abandonado impiedosamente.

No instante seguinte - quando aquela indesejável intrusa, após invadir e se fazer anunciar, já se encontrava confortavelmente sentada na sala de estar do cérebro do nosso malfadado escritor, esperando que fosse tomada alguma resolução no sentido de decidir o seu destino e realizar a sua própria razão de existir - esse pensamento, um pouco mais arrazoado, admitamos, veio retificar o primeiro, formulado no auge do desespero do segundo anterior: *"é grave sim. Mais que isso, tratando-se de um escritor, é imperdoável!"*

Foi só então que teve plena consciência da fatalidade que o acometera. De fato, diria que estava agora em maus lençóis. Recobrando um pouco a calma, procedeu a um doloroso exercício de memória, não que para ele os exercícios de memórias fossem habitualmente desagradáveis, muito pelo contrário, sua natureza um tanto nostálgica, em ocasiões - digamos - normais, o fazia apreciar bastante esses "mergulhos" nas recordações. Na verdade, o presente exercício de memória que se via fazendo é que lhe era doloroso. Também não era pra menos, procurava nesse instante reconstituir seus atos àquela noite e tentar achar alguma explicação plausível para o trágico equívoco.

Lembrava-se agora vagamente da sucessão de pessoas que iam e vinham trazendo e levando seus livros. Recordava-se também de um ou outro comentário feito em relação à edição e de certas passagens das dedicatórias que escreveu a seus diversos leitores. Foi aí que, como num dos muitos flashes que ajudaram as máquinas fotográficas a registrar sua sorridente imagem naquela noite, uma lembrança se desvelou das brumas de seu esquecimento. Nesse momento ele lembrou que a desventurada dedicatória fora escrita para a última pessoa a requisitar sua assinatura àquela noite. Era isso! A palavra "princesinha" destinava-se à pequena e encantadora filha do rapaz que lhe solicitara o autógrafo.

Instantaneamente um inusitado sopro de euforia percorreu o seu corpo. Descobrir a quem se destinara aquela excrescência ortográfica expelida por seu próprio punho já era alguma coisa. Poderia agora, pelo menos, ligar para esse rapaz - que por pura sorte era seu conhecido - e tentar se explicar. Inventaria uma desculpa convincente, que explicaria de forma razoável o acontecido, e pronto! Sua reputação estaria salva. Foi por pouco tempo, contudo, que esse pensamento lhe serviu de

consolo e trouxe-lhe boa parte da tranquilidade perdida.

É notório que há um considerável descompasso entre a efemeridade dos fatos e a prolixidade das suas descrições, motivo pelo qual às vezes se faz necessário um alerta do narrador, objetivando que o seu leitor nunca perca esse preceito de vista, como nesse momento em que o lapso temporal descrito com tantas palavras no parágrafo acima, e para o qual tantas outras lhe foram dispensadas neste que se faz presente, não levou mais do que algumas frações de segundos, período no qual o nosso amigo viu seu alívio transformado novamente em angústia, filha legítima de uma reflexão que, bem ou mal, pode ser traduzida nesses termos: *"não existe desculpa plausível para o meu equívoco"*.

Agindo com um pouco mais de prudência dessa vez, o pobre escritor conseguiu controlar o princípio de histeria que ameaçava tomar conta de si novamente. Por outro lado não pretendemos omitir aqui que o seu principiante e frágil auto-controle recém revelado não fora suficiente para impedir que o seu aparato gastro-intestinal permanecesse totalmente alheio ao violento conflito que era travado mais acima, no seu outro aparato - o neuro-psicológico - provocando os refluxos de ácido geradores da queimação que, em seu julgamento, eram intencionalmente produzidos com a finalidade expressa de piorar a já complicada e nada confortável situação em que se encontrava. Mas não vamos exigir demais dele.

Dizia que um incipiente auto-controle havia se mostrado presente e, devido a ele, o homem do qual tratamos se pôs a pensar e concluiu que na ausência de uma explicação perfeita artificialmente criada, o melhor para aliviar a sua vergonha seria ligar para o rapaz e dizer-lhe a verdade. Diria que era noite, estava enfadado - mais ainda no seu caso por o mesmo ser o último de uma longa e cansativa sessão de autógrafos - e além do mais, o intenso barulho o dispersava. Foi inevitável que, logo após de tomada tal resolução, o pensamento de que essas escusas não eram mais do que mediocres lhe aflorasse à cabeça, *"mas, de qualquer forma, a decisão já está tomada"*, pensou. Nesse momento chegava ao seu edifício e já estava tomando o elevador quando se percebeu cedendo mais uma vez a outro pensamento desesperado que, mal apontou, logo foi descartado: *"talvez o rapaz nem perceba o erro"*.

Segurando-se firmemente à resolução tomada antes do último fraquejar, o escritor foi tomado por outra dúvida: quando deveria ligar? Considerando que já passava das onze e meia da noite, achou que não seria conveniente ligar para uma pessoa tão tarde, sobretudo para tratar de assunto tão sem importância (para o outro, é claro). Mas será que é tão inoportuno assim? Não se trataria o caso de urgência? *"Sim, certamente. O caso é urgentíssimo!"*.

*"Por outro lado, se o rapaz ainda não tiver lido a aberração-escrita, não haverá problemas em esperar até amanhã. Mas e se ele já tiver lido? Pior, se após ter lido ele já tiver telefonado pra alguém, contando o acontecido? Não, melhor não esperar pelo amanhã"*. Nesse instante um estalo epifânico rompeu na sua cabeça: "a internet, o correio eletrônico!", como não tinha pensado nisso antes? Encontrara finalmente a maneira de resolver o caso rapidamente, sem causar transtornos nem aborrecimentos ao rapaz. Claro que iria precisar da sua discricção, mas quanto a isso ele não se preocupava, pois o julgava uma pessoa muito respeitosa e distinta.

Resoluto, pôs-se ao computador, onde depositou palavras vãs até às três horas da madrugada, contando no fatídico e-mail toda a história e finalmente pediu com humildade ao distinto rapaz que passasse um corretivo por cima daquele maldito "s" despejando o intruso do sítio localizado à direita do "e" e à esquerda do "i" da palavra invadida, que por direito, legitimamente pertencia ao "z", devendo o mesmo finalmente ser escrito por cima, com caneta azul. Pediu também que o assunto fosse esquecido e, então se pôs a esperar ansiosamente por uma resposta do rapaz.

Mal havia desligado o aparelho, uma dúvida logo se assenhorou de seu espírito: *"espera um pouco, 'princezinha' se escreve mesmo com 'z'?"*, e então foi consultar o dicionário...

## As Penteadeiras Cor-de-Rosa

Débora Marinho

*Um conto para meninas*

Quando muito pequena, no lugar de uma penteadeira, no seu quarto havia uma escrivaniinha. Sempre que ia visitar uma amiga, se sentia diferente, estranha, pois todas tinham uma bela penteadeira, geralmente cor-de-rosa, com um espelho grande, muitas escovas, maquiagem infantil, fivelas de todos os tipos, cores e tamanhos. Ela, uma escrivaniinha verde de madeira, apenas com borrachas e lápis, poucos e gastos.

Quando criança, essas diferenças não a deprimiam, mas já a assustavam, afinal, por que logo ela tinha que ser diferente?

No seu lar era muito claro que ficar se ajeitando e cuidando da beleza era secundário, o importante mesmo, desde cedo, era o estudo. Não, essa importância exagerada que os pais davam a algo tão diferente do que ela via ser colocado nos outros lares não a fez criar uma aversão aos estudos, era muito difícil pra uma criança resistir a influências familiares tão fortes.

Já que não seria fácil pedir uma penteadeira de presente, partiu para a opção mais simples: passou a não gostar de penteadeiras, principalmente as rosas. Criou um critério de classificação: se alguma colega respondia que sua cor preferida era cor-de-rosa, ela já a classificava como "fresca" e a colocava num nível inferior ao das outras meninas. Como era difícil encontrar meninas cuja cor preferida não fosse rosa, teve poucas amigas.

Esse preconceito contra o rosa a acompanhou durante grande parte de sua infância e adolescência. Hoje, na juventude, apesar de já possuir certa simpatia pela cor, ainda carrega certas reminiscências do preconceito: fica com pé atrás pra quem usa rosa demais.

Sabe que o símbolo que a escrivaniinha representa pode um dia fazê-la ter nas mãos o rumo de sua vida, mas esse símbolo também foi o causador do início do sentimento de inadaptação que sentia até hoje dentro de si, sentimento não muito interessante e que com certeza não se apagaria com a conquista de sua independência.

A segunda vez que percebeu sua diferença foi em relação a roupas. De repente, todas as meninas já estavam familiarizadas com as marcas das grifes e ela sem nem saber pronunciar direito aqueles nomes.

Mas dessa vez, por que o sentimento de inadaptação já estava pesando e a incomodando, resolveu fazer diferente. A princípio, tentou se vestir igual à maioria das meninas (certamente, antigas possuidoras de penteadeiras cor de rosa),

falar como elas, agir como elas. Era complicado ser diferente da maioria, as penteadeiras rosa eram muitas, espalhadas por todos os lugares, conhecidas por todos, ser escritaninha era quase como ser única e essa singularidade não a orgulhava, apavorava-a. Continuar sendo escritaninha podia a fazer ficar só, reclusa, intocável como as pessoas das castas mais baixas da Índia. E isso ela não queria.

Mas é difícil mudar a essência. Além do mais, o mundo das penteadeiras não a agradou; era por demais vazio, hostil e competitivo. Não que abominasse todo tipo de competição, mas é que elas eram diárias e por motivos muito fúteis: quem tinha mais roupas, mais sapatos, o cabelo maior e mais liso, menos banha na barriga, quem saía mais, coisas assim.

Lamentou não ter seguido seus antigos preconceitos e mantido distância do mundo das penteadeiras, que certamente não era o seu. A pena é que no mundo que podia dizer que era seu, achava-se como única habitante.

Ainda bem que seu senso de percepção das pessoas aumentou e ela descobriu muitas outras meninas que tiveram suas escritaninhas ou que abominaram suas penteadeiras cor-de-rosa.

O grupo das escritaninhas não era menos competitivo que o das penteadeiras, as competições até a doíam mais, pois era o grupo em que realmente queria estar, mas pelo menos se competia por idéias e ideais.

Apesar de ter encontrado um grupo com o qual se identificasse não era fácil se sentir adaptada ao mundo, pois com muitos outros grupos era obrigada a se relacionar. Mas superou isso. Hoje, adora o diferente de si, o oposto, acha interessante, curioso. Não há uma só pessoa que julgue desinteressante, desprezível. Todos são dignos de curiosidade, afinal, todos têm histórias para contar. É bem mais divertido esse mundo de diferenças mesmo se não nos adaptamos a ele. Ela já não teme as penteadeiras cor-de-rosa, até passou a gostar de conversar com elas, descobri-las, rir com elas, coisa que seu preconceito durante muito tempo não permitiu. De repente, os outros se tornaram muito interessantes. Mas é claro que não foram eles que mudaram, nem ela. Ela apenas se deixou descobri-los.

## Divagações, desencontros...Encontros

Rafael Cacau

**Esse conto é inspirado em e dedicado para todos os meus amigos que trabalham, ou trabalharam, direta ou indiretamente na primeira sinagoga das Américas, o centro cultural judaico de Pernambuco, ou Sinagoga Kahal Zur Israel.**

Lá estava ela, em mais uma bela tarde de domingo, sem nuvens para esconder a triunfante coloração azul do telhado popular, e sem aquele escaldante calor dos trópicos, em virtude de um atípico verão, marcado por repentinas chuvas caudalosas. Estava a divagar, devagar, nas aconchegantes e familiares ruas de seu querido amigo Recife Senil. Seu companheiro complacente em suas caminhadas. Divagava, porém, e principalmente, em seus mais profundos pensamentos e questionamentos.

Observadora (característica comum todo curioso), essa jovem espirituosa tenta, através dos seus sensores, compreender a realidade a sua volta (para o mal entendedor, bisbilhotar a vida alheia) - seu único esporte dominical - ao adentrar na mais divertida ruela dos "exímios conhecedores da intimidade dos homens": a rua Bom (ótimo, talvez) Jesus. Sentou-se em um barzinho, como de praxe, e pediu: "O de sempre, por favor!". Conhecida pelos garçons, Nivaldo, seu fiel servidor de café, trouxe-lhe o pedido. Agradeceu, e passou a se divertir, ao transformar-se na cúmplice momentânea dos demais transeuntes.

Aos poucos, pelos seus vibrantes olhos verdes, deu-se conta de um elemento um tanto quanto repetitivo entre os pedestres bom "jesuenses": as mãos dadas. Eram pais que carregavam suas cópias em miniaturas e casais de todos tipos, ao gosto do cliente. Não que tal cena seja incomum em um belo domingo ensolarado, contudo, a jovem solitária caiu em um profundo poço de dúvidas ao se deparar com um casal de idosos, em aparência, mas de espírito apaixonado como os dos recém-enamorados.

Repentinamente, todos os números existentes em mente (apesar de jamais querer desfrutá-los de suas companhias para, sobretudo, servirem de partidários de sua intimidade) cederam seus devidos lugares para por destaque um, apenas um: *1 ano, 3 meses e 17 dias*. Esse era o

exato período de tempo pelo qual transformou seus diálogos, em monólogos. *1 ano 3 meses e 17 dias*, nunca tinha parado para contar esse lapso temporal, entretanto, lá estava: *1 ano 3 meses e 17 dias*. Por nada mais previsível, lembrou Marcos, homem tímido e inteligente à primeira vista, porém incompreensível com a sensibilidade feminina à segunda e definitiva vista. Nunca sequer parou para refletir sobre os avisos que lhe era dado. Ela sempre o alertou de seu péssimo hábito de desprezar a tudo que não é "proveitoso" em sua vida. Segundo Marcos, as mulheres têm o péssimo costume de falar demais, de se intrometer na vida alheia. Entretanto seu pior desgosto para com as "evanianas" era a necessidade de relatar às demais as "preciosas" informações adquiridas no interrogatório conjugal. Jamais permitiu à jovem olhares-esmeralda ter conhecimento dos seus reais problemas. Acreditava piamente na sua auto-suficiência.

Reticente, pagou pelo café, sem ao menos saber se tinha dado o devido valor, tampouco se despediu de Nivaldo, o seu fiel servidor de café. Sem se dar conta, embora a notoriedade fosse clara, os "figurantes" de sua simpática peça teatral transformaram-se nos espectadores de sua própria peça trágica. Pela primeira vez, ao longo desses seis meses, "percebeu" em seu amigo Jesus uma maior estatura. Cabisbaixa, sentiu-se mais baixa do que seus parcos 1m e 63cm. As centenas de passantes, que tanto se digladiavam por um concorrido espaço na ruela, ao se deparar com a jovem atriz "cabisbaixinha", espontaneamente "abriam suas cortinas" para ver o espetáculo da garota. Contudo, ela não conseguiu sequer ver, ouvir ou pelo menos pré-sentir os "aplausos" do público. Parecia conformada com a má apresentação.

Após muito carregar esse peso das dúvidas amorosas em sua cabeça, a jovem olhar-esmeralda, rubi agora, senta-se escondida em um dos bancos do Marco Zero, e por não mais suportar a presença da água em seus olhos, chora; chora também por não suportar estar chorando, jamais gostou de lamentar-se da vida, sempre era o "melhor ombro" de sua roda de amigos, através da sua grande vã filosofia de vida, fruto do "princípio" arcade do carpiem diem; chora por não aceitar chorar por Marcos; chora por não conseguir parar de chorar na frente do seu amigo, o Recife Antigo; chora, finalmente, por não mais suportar a dor da solidão...

Com seu olhar celestial, em condolência, talvez, com a pobre jovem, o grande telhado popular resolve ingressar nesse processo de limpeza da alma, através de uma torrencial

chuva comum, nesse incomum verão dos trópicos brasileiros.

Ao se deparar com as fortes gotas de chuva, a jovem olhares-rubi olha para os lados e percebe a inexistência de qualquer tipo de transeunte, incluídos aí os (ir)racionais, na praça do Marco Zero e conclui ser, o único ser, presente no Recife Antigo, a não notar aquele turvo véu capaz de dificultar a visão de qualquer belo rosto de uma noiva.

Pela falta de qualquer outra opção, a jovem-regada esquiva-se, ao menos tenta, das gotas e poças d'água com o intuito de adentrar, o quanto antes, na sua charrete de 80 cavalos e de 16 válvulas. Ao chegar parcialmente sã, mas salva, na sua charrete versão esportiva, o seu, ora conhecido, telhado popular resolve cessar a seção de lamentações. Não acreditando ser possível essa incrível coincidência, a jovem decifra o recado celeste e sente-se feliz em conhecer mais um novo amigo; um amigo capaz de compreender das aflições alheias com apenas poucos minutos de relacionamento.

Antes de "desvisitar" seu amigo Recife Antigo, a jovem olhares-esmeralda, extasiadamente, olha para o seu recém-conhecido e se satisfaz, contemplada, por encontrar outro amistoso ser peculiar. Depois, despede-se do seu semestral companheiro Recife Senil certa que o verá na próxima semana para continuar as longas e agradáveis conversas.

Mas agora, essas conversas serão a três.

## O que é que no mundo é vermelho

Matheus Gama

Américo disse que compraria as rosas ele mesmo. Fechou o livro que estava lendo, guardou-o na gaveta de sua mesa de cabeceira, vermelha, a propósito; passou a chave para que ninguém mexesse em seus pertences e saiu do quarto, um tanto abafado após horas sem circulação de ar. Mrs. Dalloway: seu livro favorito. A capa também lhe chamava bastante a atenção, pois era de um vermelho intenso, a cor favorita de Américo.

Ser a cor vermelha a favorita de Américo talvez pouco importe à sua concepção, caro leitor, a não ser que seja igualmente sua cor

predileta e tal fato faça despertar uma curiosidade pela origem dessa predileção. Se não for a sua preferida, parafraseio o poeta, e dou-lhe permissão para prosseguir ao próximo texto. Não faça isso, prezado amigo! Encare as próximas linhas como uma viagem despreziosa pelas tentativas de Américo no sentido de descobrir, através de tudo que já leu, e não foram poucas as obras, o porquê de o vermelho ser sua cor favorita.

- Bom dia, seu Manoel - diz Américo ao sair de seu prédio e cumprimentar o jardineiro que cuidava da grama do jardim.

- Bom dia, seu Américo - responde o

jardineiro, desviando sua atenção de seus afazeres.

A grama não era sem graça, mas era verde. E verde, definitivamente, não era uma cor que encantasse Américo. Ao dobrar a esquina pensou melhor em seu propósito.

Vermelho significava muito mais que as outras cores. O coração e o sangue são vermelhos, são necessários. Um sem o outro não é, nem será. Américo é impulsivo, gosta de emoções, de opiniões. Insistentemente, Américo fala aos amigos que tem força, que tem ação e que tem opinião. De verdade, Américo contesta qualquer coisa com a qual

não esteja de acordo. É um verdadeiro defensor apaixonado da justiça. E sem dúvida, a paixão é vermelha.

O nascimento é branco, ou amarelo bem luminoso, mas falta-lhe a recordação do indivíduo para tornar-lhe algo verdadeiramente apaixonante. O frio é branco e cinza, ou seria branco e preto, que fundidos tornar-se-iam um cinza? O amor, para as mulheres, pode ser rosa ou verdinho, sem necessidade de comentários. Para os homens, uma ficção, um bom tema para música ou poesia, mas algo um pouco complicado de se relacionar a uma cor. Talvez, então, possa-lhe, ao amor, ser atribuída, pelos homens, a cor de burro quando foge, ou uma das cores com nomes complicados e com tonalidades as mais diversas possíveis, que na verdade nunca representam uma cor verdadeiramente autônoma.

O trabalho parece-me, e a Américo também, azul. Um azul-turquesa. Eu não sei por quê, mas ele desconfia que sua tendência a colorir o trabalho de azul é porque sonha com a Itália e as águas do Mediterrâneo todos os dias de sua vida. O sonho, por sinal, também é azul. Um azul-claro, logicamente associado ao céu.

De verde já há a natureza, mas engraçado é que também o enjôo e a fome têm um tom esverdeado. A origem disso Américo não sabe, ou não quer saber. Nunca leu sobre isso. Ele está preocupado em acertar o caminho até a banca de revistas e flores, e pensar na essência do verde não está exatamente dentro dos seus projetos a, diga-se, curtíssimo prazo.

A glória e a vitória são vermelhas; as ciganas, cheias de liberdade; o flamenco, inclusive, é uma dança vermelha. E quem pode dizer que a salsa não o é, se todos os seus movimentos sugerem emoção, impulso, paixão e glória? Vermelho é o manto do papa e dos reis, sendo a representação máxima do poder e da religião, termos que se confundem inúmeras vezes. Na China, os nobres, desde muito tempo atrás, utilizaram-se do encanto rubro para transmitir respeito, poder e seriedade. Até no cinema, caríssimo, os pseudo-intelectuais de plantão que discordem se quiserem, a fotografia da película sendo preponderantemente vermelha, a probabilidade de o filme ser considerado inteligente e clássico é bem maior que o mais que clássico preto-e-branco. Contudo, Américo não dá importância a isso. Ele é um amante das artes, bastante simples e despretensioso, é verdade. A ele, não lhe desperta admiração os pseudo-apaixonados pela sétima arte,

pois não são eles vermelhos. São de uma variação de preto a bege e, admita-se, há coisa mais irrelevante que um bege?

Américo lia um livro sobre mitologia celta quando encontrou uma referência ao corante Breazail, que era extraído das minas pelos celtas. Foi a referência mais antiga que teve conhecimento acerca da origem do nome de seu país. Já sabia de referências a uma madeira, advinda da Ásia, fornecedora de uma espécie de tinta vermelha, que posteriormente fez bastante sucesso na Europa. Depois, em uma composição musical, Américo aprendeu que foram os fenícios quem produziram a tinta de tonalidade avermelhada extraída da madeira do pau-brasil. Embora não fosse nacionalista, Américo passou a considerar o vermelho a cor mais poética, mais histórica e mais importante para os brasileiros. Ficou feliz com a fundamentação histórica para sua preferência para o vermelho. Diziam-no louco quando Américo enveredava pelos sinuosos caminhos do convencimento alheio. Conquanto não fosse completamente tomado a sério, Américo sabia de suas próprias convicções. Era um pacato cidadão, afinal de contas.

Um famoso Américo, o Vespúcio, também fez uma importante viagem, embora não fosse para comprar rosas ele mesmo. A importância é relativamente a mesma da viagem de Américo, malgrado as proporções históricas. O Vespúcio viajou ao Novo Mundo pela madeira cobiçada e a guardou em fortalezas e feitorias em Cabo Frio, enquanto que o Fernandes viajava apenas à banca de flores pelas rosas necessitadas. A única coisa que havia guardado nos últimos instantes era o seu livro vermelho, Mrs. Dalloway, na gaveta vermelha de seu quarto.

Voltou para casa meia-hora depois com as rosas vermelhas. De pé, na frente do prédio, um tanto impaciente o esperava seu irmão: Paulo César. Sua expressão de ansiedade era perceptível, tanto pela espera das rosas quanto pelo telefonema de Sandra, sua amada, e de Américo também, por infortúnio. De que adiantava lutar, dentro daquele espetáculo, se aquele papel não lhe pertencia - pensava Américo. Gostava dela, mas mais amava a si próprio.

- Aqui estão as rosas. Vermelhas. Ela ainda não deu notícias?

- Não, ainda - disse Paulo César, complementando com uma pergunta pintada em vermelho - sabe da última? Vamos nos casar.

## As notas da minha vida

Sou como o meu piano. Cheguei a essa conclusão quando me vi com olhar fixo no meu mais querido instrumento musical que hoje se encontra fechado no quarto da minha mãe. Estranho estar um piano guardado num quarto que nem ao menos é o meu? Sim, mas isso apenas me ajudou na conclusão: pareço com o meu piano...ou ele comigo? A ordem dos fatores, nesse caso, não altera a ontologia do produto.

O lugar reservado aos pianos é, na maioria das vezes, um palco ou uma linda sala de estar. No meu caso - aliás, do meu piano - levei-o ao último aposento da casa, com janela para o quintal, onde eu pudesse trancar todas as portas que permitissem levar o seu som aos que estivessem sentados no sofá, além dos lugares menores e fechados o ajudarem na acústica. Desde criança, quando iniciei a tocar, era assim que gostava que fosse. Também prefiro os lugares afastados, só pra mim, onde eu possa desconectar-me de todas as janelas que me apontem para a vida lá fora, apesar ser-me exigido apresentações em salas cheias e lugares movimentados. Tenho necessidade de ouvir com maior clareza o meu som interior, e penso que o meu piano tinha um som mais bonito quando fazia ecoar seus acordes entre as quatro paredes no fundo da casa.

Os pianos refletem uma caixa de beleza e simplicidade por fora, e um emaranhado de complexidade por dentro. Abre-se uma tampa, retira-se um pano aveludado, e descobrimos as suas teclas, em preto e branco, que darão vida aquele instrumento.

Desconfio que também seja da própria condição humana a complexidade e a vida em preto e branco. Os momentos brancos refletem a alma na sua mais colorida cor, mas que são nitidamente brancos e felizes porque temos como parâmetros os momentos pretos, bemóis e sustentidos, inevitáveis e fortalecedores da harmonia. Perceba: os momentos alternam-se em razão do colorido da alma.

É preciso estar atento, e aí o grande segredo dos compositores, que as escalas dos pianos da vida nos apontam mais teclas brancas do que pretas - a partir das quais pode-se tocar a mais sublime melodia.

## Auto-violação

Uma pergunta me estupra a alma, me atraindo com seu mistério insondável, depois me consumindo em seu vazio. Dominado por uma obsessão masoquista, procuro desesperadamente por minha violentadora, desejando preencher-me novamente com seu sexo invasor. Ao encontra-la outra vez, entrego-me a sua força sedutora sem muita relutância, nem sequer me opondo a violência infligida. No calor do gozo, entre gemidos de dor e prazer, eu lhe rogo em êxtase: me rasga, me viola, me profana!

"Quem sou eu?" - estapeia-me a pergunta, fazendo arder todo o indivíduo. O fogo envolve, queima e consome a alma - o inferno em mim. Quiçá amanhã eu renasça das cinzas qual fênix e contemple o paraíso! Agora, sou todo angústia e grito em vão para preencher o silêncio que me cala. Nada pode deter o estupro iminente, pois a minha violentadora é insaciável. Contudo, jogo-me em seus braços, na esperança de algum dia receber carinho, ao invés de socos e

pontapés. Se fujo, faço-o apenas para encontra-la. Então, só me resta aproveitar o sofrimento ao qual me submeto.

Resignado, vou atrás dela e entrego-me à violação. Aquilo que faço ou deixo de fazer, aquilo que penso ou deixo de pensar, aquilo que sinto ou deixo de sentir; todo meu ser, em todo instante, em todo lugar, afirma e nega na tentativa de obter uma resposta. Entretanto, nem não, nem sim podem conter a mim definitivamente. O ser é, o não ser não é, quem disse que o ser não pode não ser? A lógica desfaz-se em mim sem trazer conclusão alguma. Só me resta a dúvida a destruir as certezas e deleitar-se com a estupidez delas, trazendo consigo sempre a mesma pergunta.

Depois do estupro, a infinita dor da invasão, a vergonha de si mesmo e a revolta com a própria impotência se fundem em mim. Algo me foi tirado, mas eu não sei ao certo o quê. Sinto minha alma sugada pelo vazio, preenchida por um vácuo de mim. Já não sou

mais, fui... Destituído de toda minha individualidade, defino-me e redefino-me continuamente, tentando encontrar meu ego perdido. Construo os degraus de minha escada na subida, destruindo-lhes na descida e não chego a lugar algum. Morro e ressuscito sem nunca ascender aos céus.

Entretanto, na dor, eu gozo o meu prazer; da vergonha, eu tiro o meu orgulho; e a revolta me traz a força para viver. Inundo o vazio deixado pela pergunta de eterna efemeridade, significando e re-significando momentos. Ao me des-individualizar, torno-me novos indivíduos. Se fui, não sou mais, nem por isso deixo de ser. Eu morro, mas eu revivo para viver uma nova vida. Eu ando sem chegar a lugar nenhum, mas trilho vários caminhos. Quem disse que eu preciso de um rumo? Sigo atrás de minha violentadora, onde quer que ela esteja. Talvez algum dia, ao invés da brutalidade, ela me dê carinho; ao invés do estupro, um sexo apaixonado; enfim, amor.

## Novos tempos

Carlos Alberto Arruda

Pensei em fazer um artigo sobre pontos jurídicos, política, desenvolvimento econômico... no entanto desisti; pergunta-se o pobre leitor que está a ler estas linhas iniciais, com uma dúvida constante do ser, por que não o fiz? Caro leitor me desculpe realmente não sei. Em simples quatro linhas já deves me achar um louco, talvez não, pois também és louco; quem sabe esteja eu à frente de meu tempo ou então até mesmo entrando em um retrocesso nostálgico.

Espero que o preconceito das linhas iniciais não atrapalhe o real contexto daquilo que escrevo. Desejo apenas passar um pouco do que sinto para os que ainda estão lendo as entrelinhas de um desabafo constante da vida humana.

Quando criança sempre se acha a vida um paraíso, à medida em que se cresce, percebemos a diferença entre o real e o imaginário infantil; as preocupações de um mundo, onde o ter torna-se demasiado importante, onde a busca para a realização profissional torna-se prioridade. Renegamos a coletividade e colocamos a sociedade em segundo plano, não queremos dividir com os amigos do parque nossos brinquedos. "Nobres" relacionamentos de um mundo pós-

moderno. Quanto aos meus amigos foram eles que mudaram ou eu? Tal dúvida não me inquieta tanto pois tenho a resposta, fomos NÓS que mudamos.

É inegável que mudamos a cada dia, a cada hora, a cada minuto, a cada segundo... para melhor ou pior? Tal resposta depende do conceito que agora temos da Vida, depende dos princípios que adquirimos e perdemos ao longo do tempo, depende disso e daquilo, seria como o mundo da aplicabilidade das normas, onde o matar ora é lícito ora é ilícito, só depende do caso concreto... Estaríamos vivendo à época da relatividade? Não buscarei a resposta, seria demasiado cansativo.

Não poderia divagar sobre as mudanças nos relacionamentos sem passar pela família, onde nasce o amor incondicional e prospera a união. A entidade familiar encontra-se fraturada, enferma, sofre de um mal pós-moderno. Tempos bons os vividos no âmbito familiar dos meus pais onde amor, união e respeito prosperavam em "todos" os lares; talvez isto seja nostalgia, ou, ainda, desinformação das reais condições em que viviam nossos antepassados, no entanto é notório o que se afigura hoje nos âmbitos

familiares.

Sinceramente, leitor! Estás a agüentar as intempéries de um coração machucado pelas condições do mundo, não seria melhor partir para o próximo texto?. Em condições análogas já teria ido ler sobre o desenvolvimento econômico, sobre a aplicabilidade da emenda constitucional 41, que em muito irá mudar nossas vidas, quando já estivermos espancados pelas mudanças da vida.

Tudo bem, meu querido e ilustre leitor, quase único, pois se terminares de ler serás único, preciso também falar dos relacionamentos homem-mulher, ao menos no meu caso; a medida em que "amadurecemos" vemos que a quantidade já não mais importa, o que queremos é a qualidade, aquele colo, aquele beijo, aquelas mãos... Entretanto o mundo não nos permite mais tais privilégios, relacionamentos se consomem pelo tempo e por uma dita rotina, alegações de pessoas imaturas do século XXI; caminhamos para relacionamentos curtos ou curtíssimos, ainda incompreensíveis em minha cabeça, talvez meu corpo esteja no século XXI e minha mente no século XIX... Que assim

permaneça... Deve haver alguma mulher que entenda um homem fora do seu tempo.

Meu ilustre, queridíssimo, nobre e único leitor; agradeço e ao mesmo tempo peço-te desculpa por teres agüentado palavras cheias de amargura e de uma triste nostalgia; é que vivemos uma dura realidade, acordamos e envelhecemos, andando por um caminho incerto, vivemos a crônica de uma morte anunciada, a vida que nos foi oferecida é passageira precisamos reconhecer isto, afim de tentar deixar um mundo melhor para nossos filhos.

Para conquistarmos uma real mudança na humanidade faz-se essencial o resgate dos princípios basilares da dignidade humana, tenhamos um pouco mais de humildade para reconhecer nossas limitações, recuperemos a fraternidade, a solidariedade e o amor que se encontra em nossos corações.

Precisamos ainda buscar uma justiça idônea, governantes honestos e uma sociedade ativa. Lutemos por um mundo melhor! Não fiquemos sentado numa cadeira de balanço, olhando para nossa própria vida, a espera de novos tempos.

## Sobre Hannah

Se eu me chamasse Hannah?

Teria olhos claros e seria lívida como o sal

Um judeu me pediria em casamento

Chaplin teria dedicado o último discurso do Grande Ditador a mim

Meu nome seria uma palíndrome

Eu escreveria em outro idioma,

Teria um caso com Heidegger

E morreria me perguntando qual o sentido ético da vida...

Hannah

Ele Hannah

Se eu me chamasse Hannah, teria seios grandes. Sempre tive a impressão de que mulheres com seios grandes se dão melhor na vida. Pode parecer meio performático, mas seios grandes são um ponto a mais em qualquer classificação geométrica hominídea. Mas veja bem, seios grandes, nada de muito grandes.

Se eu me chamasse Hannah, viveria da certeza de estar por todos os dias caminhando ao encontro dos braços de qualquer um dos amores da vida de Hannah. Sim, porque se eu me chamasse Hannah, teria vários amores. Seria crédula - Hannah - da possibilidade de existência de vários amores. Não estaria muito preocupada, como sou preocupado, com aquele paradigma pequeno-burguês do amor total, unicamente bilateral e sem muitas variáveis, amores da vida inteira, amores da minha vida. Não, se eu me chamasse Hannah dormiria com todos os meus amores das minhas vidas e ficaria entediada com a presença do mesmo destinatário dos meus bom-dias, todas as manhãs, na mesma cama.

Se eu me chamasse Hannah, estudaria francês, porque não posso negar, tenho tesão por mulheres que falam francês. Tudo bem, se eu me chamasse Hannah muito provavelmente sentiria atração por homens que falam francês, afinal, eu seria Hannah. Se bem que não, aqui entre nós, se eu me chamasse Hannah, eu bem que poderia ser lésbica ou bissexual, muito embora eu tenha certeza de que não gostaria destes rótulos. Enfim, falaria francês independentemente de qualquer outro desejo.

Se eu me chamasse Hannah, versaria sem sentido, acho que não escreveria em prosa. Porque se eu me chamasse Hannah, libertariamente eu me libertaria de meus parcos conceitos de liberdade poética e criaria tantos mundos, tantas estradas, tantos deuses e homens e mulheres, todos sempre nus, que derramaria todo o meu oxigênio ainda não respirado e que pertence a mim como pertence a qualquer outro, em versos nunca assinados, existentes além de minha existência, e entregues ao outro, como deve ser qualquer poesia.

Se eu me chamasse Hannah, choraria com meus amigos quase que diariamente, com um por dia, muito provavelmente, para não cansar ninguém com minhas baboseiras. E falaria dos amores de minha vida e não esqueceria de nenhum detalhe das novelas criadas pelas minhas paixões platônicas. Isso porque, ainda que eu me chamasse Hannah, eu viveria paixões platônicas. Meus amigos seriam deuses cheios de defeitos e eu me sentiria muito à vontade a lhes xingar a vida e gritar que ninguém merece não ser amado. Teria com eles, que poderiam inclusive chamar-se Hannah, orgasmos ao ler Vinícius. Talvez Fizesse sexo entre amigos, apenas para sentir o que eles dizem sentir quando amam e não são amados e gozam e são gozados. Deuses com defeitos.

Se eu me chamasse Hannah, vestiria vermelho: vestido ou saia. Dançaria tango, bolero, o tchá-tchá-tchá e tomaria um vinho no meio disso tudo. Se eu me chamasse Hannah não beberia, o vinho e talvez o champanhe viriam apenas para combinar com o momento.

Se eu me chamasse Hannah diria "eu te amo" com maior facilidade e a certa altura da vida, duvidaria de minha liberdade e sonharia com um amor burguês, com um "eu te amo" simples ao chegar do trabalho, um "bom dia" um tanto quanto gostoso de pão com ovo, todas as manhãs e filhos. Se eu me chamasse Hannah pensaria em ter filhos aos trinta.

Se eu me chamasse Hannah, ainda assim poderia ser homem e meus pais teriam um mau gosto enorme para nomes.

Ah! Se eu me chamasse Hannah, faria amor com Clarissa, talvez sexo selvagem, qualquer coisa assim, só para saber que, mesmo se eu me chamasse Hannah, Clarissa estaria em mim.

Ela Hannah

... e se EU me chamasse Hannah?!

Por certo seria muito mais liberta e libertária; libertadora. Livre a ponto de não versar liberdades. Humana... Tão humana a não perceber humanidades.

Eu, me chamando Hannah, inevitavelmente faria arte. Faria política também. E, confundindo as duas coisas, tentaria decifrar o homem. É que, enxergando o inexorável em tudo, eu viveria de não entender nada, me perderia em pensamentos e traria as palavras em meu vôo. E teria o pranto sério e o riso sóbrio. Emoções, sim. Sentimentos profundos, complexidades dos que indagam para que serve ser feliz...

Ah... se eu me chamasse Hannah, suspiraria muito. E beijaria todas as bocas, despudoradas ou não, sem o mínimo pudor. Amaria homens grisalhos, seus bigodes a discorrer ciências e filosofias; amaria poetas loucos e embriagados a dividir comigo a lucidez dos orgasmos; amaria olhos, e cheiros, e bocas, e corpos avulsos; e as mulheres eu amaria também.

Se eu me chamasse Hannah, me deixaria molhar pela chuva. Cabelos longos, escorridos, aos pingos, seios pequenos a mostra no vestido ensopado de água. Pés descalços, olhos claros, tez de sal.

Se eu me chamasse Hannah, não teria filhos, desejaria apenas ter conhecimento da possibilidade de concebê-los. Envelheceria sem me dar por conta e iria embora como a atriz que escuta a deixa, ao arder do ocaso de uma tarde de outubro...

Se eu me chamasse Hannah, não me pensaria nunca, nem questionaria a vida... Seria apenas, com a verdade das pessoas que se chamam Hannah. Eu, Hannah, seria tudo que não sou, mas que nem por isso deixa de estar contido em mim. O universo do que não sou.

Eu me pareceria comigo...

Se eu me chamasse Hannah, ou Clarice, ou Hilda, ou Olga, ou Elis, ou Rosa, ou Violeta, ou Betânia, ou Fátima, ou Alba, ou Nara, ou Lúcia Helena, ou Jenifer, ou... Clarissa.

## Ensaio sobre a saudade

Murilo Lubambo

As expressões lingüísticas às vezes nos dão a impressão de que englobam realidades de ser. O que ocorre, na verdade, é o oposto. Determinada expressão dará sentido, limites e formas a uma certa apreensão do real. Para Wittgenstein, no seu *Tractatus*, "Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo." Enfim, existem meras convenções comunicativas. Basta ver o vocábulo saudade, privilégio da língua portuguesa, o qual encerra tantos momentos, até inconciliáveis...

A etimologia nos revela origem latina, solitas, significando unidade, desamparo, derivando logo para as línguas hispânicas com *soledad*, *solidão*, e foi registrada pela primeira vez no idioma de Portugal no século XIII. Como a linguagem é, por natureza, inexata, não se pode ter um conceito de saudade, mas apenas aproximação de sua idéia. É composição dodecafônica.

Um pequeno passeio para além-mar faz-se, pois, necessário. Outros idiomas possuem vocábulos que tentam, mas não conseguem transmitir a mesma energia e amplitude do nosso. Do inglês, começamos pelo *miss*, *I miss you*. Há "perda", da mesma forma que se diz *I've missed the bus*. A

palavra traduz-se também por "erro" (afinal, nunca devíamos ter nos separado...). Daí, o arrependimento, de *regret*, o pesar de *sorrow*. Ainda *homesickness*, aquela nostalgia, "saudade de casa", quase uma doença...! Por fim, *longing*, que nos revela desejo, vontade, a partir de experiência, que quer se repetir, fazer-se presente!

Do castelhano, *echar en falta*, *echar de menos*, o menos que se completa quando o mais chega, o encontro, a sensação cheia, de renovação e ânimo. Também a *añoranza*, de coisa ou pessoa, ainda que seu uso denote tristeza e pena. Há ainda um verbo: *añorar*. A nostalgia, viver o ontem como se fosse o hoje.

Passando pela Lusitânia, materializa-se. É a saudade coimbrã da vida universitária que se esvai depois da formatura, traduzida nos fados soturnos e melancólicos, uma perda eterna, revivida em parcas recordações. A saudade quando num exílio voluntário é quase como exaltação, a saudade num exílio forçado, carregada de angústias e desesperanças. Na grande travessia até o Brasil, saudade era certa cantiga entoada em alto-mar por marinheiros, conforme registra Antonio Houaiss. Aqui, há até o dia nacional

da saudade, o 30 de janeiro.

É antônimo da completude, plenitude de espírito. Saudade é um querer vinculante, como diria Stammler. Confundimos com nostalgia (*dor*), percepção de estado de ânimo que se renova por um instante, mas que se perde ao se tomar consciência da fugacidade dos pensamentos. Liga-se também à falta, do que não se tem, do que se teve ou não se terá. A saudade é posterior à despedida e anterior ao reencontro. Intensidade comparada com o término da vida! Por isso, "morre-se de saudades" e "matam-se as saudades". É uma lembrança (ou traz uma recordação). Na literatura, "E uma saudade de casa começou a me agoniar." (José Lins do Rêgo, *Doidinho*). No entanto, é de se notar que, em português, não se lhe pode atribuir nenhum sentido positivo ou negativo.

Que nos auxilie o Aurélio, "S. f. 1. Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; nostalgia; 2. Pesar pela ausência de alguém que nos é querido."

Vale lembrar que, no Tupi Sertanejo, não existe tal vocábulo, mas sim, como propõe o velho Lula, a *sauoa* (saudade da boa) e a *sauim* (saudade da ruim). A primeira é quando "a gente lembra só por lembrar, o amor que a gente um dia perdeu" e "cabra se convencer que é feliz sem saber pois não sofreu". A segunda "faz roer e amarga qui nem jiló". No entanto, para o Gonzagão e seu parceiro Humberto Teixeira: "ninguém pode dizer que me viu triste a chorar, saudade, o meu remédio é cantar."

Outra solução vem através do escapismo gastronômico de Chico Buarque em *Bye, Bye Brasil*: "Bateu uma saudade de ti, estou a fim de encarar um siri". Ou mesmo na irreverência verborrágica em *Partido Alto*: "Deus me deu muita saudade e muita preguiça" Ou não há solução, como a desilusão e mágoa profundamente enraizadas em *Trocando em Miúdos* dele com Francis Hime: "Uma saideira, muita saudade, e a leve impressão de que já vou tarde..."

**Ficamos com a singeleza da espirituosa proposta de Tom Jobim e Newton Mendonça em Discussão: "Prá que trocar o sim por não, se o resultado é solidão em vez de amor, uma saudade, vai dizer quem tem razão..."**

## Cem Anos de Solidão

" Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo..."

Macondo, palco da história da família Buendía, aldeia fundada quando o mundo ainda era recente, mas tão recente que muitas coisas ainda não tinham nome, indicava-se com os dedos aquilo que se queria. Lugar onde tudo podia acontecer, que ninguém estranharia. Estranhar o quê? Se não havia explicação para nada, não havia esperança, medo, lógica.

Solidão, sentimento inexplicável. Alguém tem uma definição para a solidão? Sim, claro. Mas será a mesma coisa para todo mundo? Uma pessoa deprimida sente-se só, mesmo que cercada de pessoas. Um surfista sozinho, no mar, não sabe nem de longe o que é isso. Vai lá entender essa tal de solidão, que afeta cada um de forma tão distinta, sentimento tão difícil de escapar.

Gabriel García Márquez trata de seu tema predileto - a solidão - contando a história dos Buendía, que, ao longo de gerações, não conseguem fugir do estigma da solidão, por mais diferentes que sejam.

José Arcádio Buendía, patriarca da família, usava sua fértil imaginação para idéias que, para pessoas normais, parecem as mais estapafúrdias. Ou alguém acha normal comprar ímãs para sugar o ouro da terra? Mas vai saber se não era possível em Macondo. Úrsula, sua esposa, não dava muita bola para elas, vai ver por experiência. Porém, num lugar onde tudo é possível, Poderia José Arcádio Buendía ter conseguido algo um dia. Assim nasceu Macondo, afinal de contas.

José Arcádio, primogênito dos Buendía, carecia da imaginação do pai, tinha um espírito prático, sem tempo para devaneios. Como quando passou anos desaparecido, e, ao chegar em casa, questionado sobre onde passara por todo aquele tempo, responde: "Por aí". Para quê maiores explicações, afinal? Aureliano, filho mais moço de José Arcádio Buendía e Úrsula, mais tarde conhecido como Coronel Aureliano Buendía, tinha um espírito hermético, e um olhar distante, com um profundo traço de solidão. Característica que identificaria todos seus descendentes, que foram muitos. Levou uma vida de luta pela revolução, chegando algumas vezes muito próximo de ser executado pelos militares, terminando, porém, na velhice, famoso por seus peixes de ouro, que ele derretia e refazia, para ter o que fazer.

O tom imprimido por García Márquez à narrativa é aquele que sua avó usara para contar-lhe histórias, na infância. Histórias contadas de forma fantasiosa, mas com grandes traços de realismo inculcados, de forma a fazer o leitor refletir acerca de até que ponto aquilo é mesmo fantasia - ou até que ponto a vida é realidade. Esse traço marcante do autor está presente como nunca em Cem Anos de Solidão. Até que ponto a solidão dos Buendía ao longo da história é assim, digamos, tão fantástica? Quem será que não tem um pouco de José Arcádio ou Aureliano?

García Márquez mostra a solidão como a falta de perspectivas, a falta de esperança. A repetição dos acontecimentos. Úrsula acompanha, atônita, tudo se repetir ao longo de gerações. Desde o espírito fantasioso de José Arcádio Buendía, até o espírito revolucionário de Aureliano, em seus bisnetos. Cem Anos de Solidão mostra a solidão presente em todos nós, a solidão mais difícil de diagnosticar - e de fugir.

Vai ver todos somos Buendía, "estirpe condenada a cem anos de solidão, sem uma segunda oportunidade sobre a terra".

A existência das palavras totalmente livres, ao alcance de todos, e a possibilidade de tecê-las em poesia- exatamente como aspirava a sensibilidade poética do sempre fascinante José Luis Borges- convidam os leitores a uma deleitosa imersão em todas as experiências que ela, a poesia, pode proporcionar. Para isso, eis o que os alunos da casa, captando no ar- e na alma, sobretudo- uns bons punhados de palavras, algumas belas, outras resignadas, e ainda outras um tanto alheadas de preocupações maiores, mas todas livres, oferecem por meio de suas penas encharcadas nas mais diversas tintas, umectadas de sentimento poético, para compartilhar, na medida da experiência de cada leitor, sempre, a elevação de espírito e de caráter que só o deslumbrar-se perante a arte é capaz de possibilitar.

Assim, sejais, vós, leitores, telas, brancas, lisas. E pintem-se, imenso, de poesia.

## Introdução

Carlos Dionizio - Capixado

## Sonhos Reais

Juliana

Meus dois focos castanhos  
Percorrem teu deslumbrante corpo  
Embriagando-me de efervescente paixão

Teus olhos fitam os meus  
Os meus perdendo-se aos teus  
Meus lábios ardendo-se desejos  
Teus seios levando-me à mais ébria loucura  
Meus pensamentos todos teus

Tuas voz, teu olhar  
E subitamente tuas macias e deliciosas mãos  
Deslizavam em meu corpo  
Teus lábios ainda rosados  
Beijavam-me as faces  
Ofegantemente, eu e tu

Nossos sonhos misturando-se ao real  
Nossos corpos entrelaçados são agora um só corpo.

## Sonho Real

Ecleston Brito

Quando criança, adormeci de repente  
Na terra quente do sertão do pajeú  
São José do Egito com o céu todo azul  
Ratificava ano seco para sua gente

Durante esse inerte momento  
Sonhei que estava sonhando fascinações  
Na capital do Estado, diferente dos sertões,  
Chegava com inefável encantamento

Empolgava-me com as belezas de Nassau  
Via água, pontes, sinagoga e casarões  
Iniciava as leituras das revoluções  
Indelévels de um tempo mau

O sonho me levou mais adiante  
Nele, começava libertar-me da prisão  
Que o estudo simplório do grotão  
Concebe ao seu humilde habitante

No devaneio, via de Bandeira o lirismo  
Machado de Assis me ensinava a viver  
João Cabral de Melo Neto a me conter  
E Drummond dava aula de humanismo

O imponente sonho me fazia levitar  
Maravilhosas pessoas de proba natureza  
Davam-me a mão com tamanha  
gentileza  
Parando suas atividades para me  
escutar

Como ondas que despertam corais de  
arrecife  
Num instante brusco e inesperado  
Acordei desse alado sonho ofuscado  
Na Faculdade de Direito do Recife.

## Soneto nº 26

Um belo vômito da raça humana  
são estas tuas vísceras despregadas,  
estas tuas partes esquarteradas  
e o fedor da tua carne mundana.

Eu vejo sangue preto em todo teto:  
os teus membros, o teu rosto - onde estão?  
No teu peito aberto vê-se um pulmão  
e no abdômem a figura de um feto.

No crânio rachado os vermes trabalham,  
as moscas em um frenesi se espalham  
sobre a tua carcaça dividida.

Quem vê pensa que chegaste ao teu fim,  
No entanto, mesmo podre, mesmo assim,  
estás morta, mas ainda tens vida.

## Amor Diuturno

Na manhã do teu corpo  
Minha vida começa  
Parto com desgosto  
Saudade não é uma peça

Então a hora passa  
E a vida também  
Enterrecido por tua graça  
Entardeço teu refém

Sol ou lua?  
Não sei o que vejo  
Na minha pele sinto a sua amassada  
em desejo

Banhado por teu calor  
Visões em relampejos  
Quantum de amor  
Na noite dos teus cabelos

Tussor da madrugada  
Você me faz renovado  
Agora só há paz velada  
Na anistia dos teus braços

Hoje a quarta-feira chegou  
Mas o carnaval passou  
Foi esquecido com a terça

Hoje a vida recomeçou  
O mundo a girar voltou  
Já não há mais brincadeira

Hoje a máscara não pus  
Hoje a lágrima caiu  
E eu não pude escondê-la

Hoje a vida eu feri  
Por não poder prosseguir  
Caminhando com quem me deseja

Iran

Walkerlúcia Barros

Cynara Barros

## Soneto Italiano de versos livres e brancos nº 1

Um belo vômito da raça humana  
são estas tuas vísceras despregadas,  
estas tuas partes esquarteradas  
e o fedor da tua carne mundana.

Eu vejo sangue preto em todo teto:  
os teus membros, o teu rosto - onde estão?  
No teu peito aberto vê-se um pulmão  
e no abdômem a figura de um feto.

No crânio rachado os vermes trabalham,  
as moscas em um frenesi se espalham  
sobre a tua carcaça dividida.

Quem vê pensa que chegaste ao teu fim,  
No entanto, mesmo podre, mesmo assim,  
estás morta, mas ainda tens vida.

## Amor

Amor Frágil e  
delicada  
Pétala  
Parte não domada  
Sépala  
Dúvida entranhada  
Cética  
Posto que emanada  
Déspota

Como escapar  
Ilesa  
Dessa sua chama  
Acesa  
Angustiada, densa  
Tesa  
Continuo a ela  
Presa

## Passagem

Foi um instante  
E quase morri de sede  
E quase quis beber o mar  
Pra ficar cheia  
De luar  
Prateado.  
Dourado.  
Translúcido.

Mas fizeram um calçadão triangular  
E os meus olhos-paralelogramo  
Agora só vomitam  
Altos cubos  
Verdes.  
Cinzas.  
Chuvosos.

E me disseram que aquele edifício  
Novo.  
De luxo.  
Era bonito...

## Testamento

A mim não interessa  
Dividir o dinheiro  
Que não tenho  
(E que se tivesse,  
Não dividiria:  
Há advogados e juízes  
Suficientemente aptos Para tal fim.)

O que me interessa legar  
É a paisagem  
Da janela  
(De todas as janelas que já vi  
- Até das que não tinham paisagem,  
as paisagens que imaginei);

Quero deixar Todos os sorrisos  
Que dei ou recebi,  
Todas as músicas que ouvi,  
Todos os livros que li.  
Tudo isso quero dividir  
Tudo isso quero multiplicar  
Entre meus mais diletos amigos.

A eles deixo também  
O meu riso  
E as minhas lágrimas  
Que não secaram  
(As de tristeza sempre secam).

A todos os que amei  
Deixo o amor Proliferado.  
E aos que não me coube amar,  
Deixo amados os que amei  
Para que a eles amem.

Aos filhos  
Que, quem sabe,  
Tive ou terei,  
Deixo a sabedoria  
Que nunca alcancei.

Aos filhos desses filhos,  
Deixo a lembrança  
De uma antiga lua cheia  
Que às vezes estreava  
No céu acima da minha casa.

Aos que não são  
Meus filhos,  
Deixo a poesia  
Que um dia roubei  
Para enfeitar minha vida.

As flores do meu jardim,  
Essas eu deixo às abelhas  
Que de fato sempre as possuíram.

As fotos amarelecidas,  
Eu deixo a cargo  
De um novo poeta  
Para que enfeite de  
Lembranças suas paredes.

À humanidade,  
Deixo meus conceitos,  
Meus preceitos,  
Meus preconceitos.  
Deixo minha violência  
E meu ódio;  
Deixo meu vômito  
E meu asco.  
À humanidade,  
Devolvo tudo que ele  
Outrora me deu.

Meu corpo  
Embrutecido  
Quero deixar ao mar  
Para que me chorem  
As lágrimas salgadas  
Do planeta terra.

Minha liberdade,  
Eu deixo aos pássaros;  
Minha loucura,  
Eu deixo aos loucos;  
Minha solidão,  
Eu deixo aos crentes.

Minha alma,  
Eu deixo a quem  
Já a tem.  
Minha morte,  
Eu deixo a quem  
Não chorar.

Ao passado,  
Deixo a vida  
Que poderia ter vivido.  
Ao futuro,  
Deixo a luz que não verei.  
Do presente,  
Só levo eu mesma  
E as presente nada deixo.

## FDR

Canta alto o feito retumbante  
Vibram n'alma as glórias do passado  
Chora um rio por cada estudante  
Que não soube honrar o teu legado

Faz-nos crer neste sonho distante,  
E o caminho mostra-nos traçado  
Por valorosos heróis, estes Gigantes,  
Que outrora atenderam ao teu chamado!

Oh! Querido Templo da sabedoria,  
Teu futuro redimirá esta vergonha  
E nossa glória há de ofuscar a covardia...

Oh! heróis de hoje - quem diria?  
Lutastes contra força medonha  
Defendendo esta Casa-de-Tobias!

## Fim de Estação

Analândia

Se me alertasse do preço  
Quando mudo de humor ..  
Porque agora lhe tenho amor?  
E amanhã o esqueço?

Querendo, preciso do inteiro,  
Embora no ambiente estranho.  
Enjeitando, afasto primeiro,  
Fujo da conclusão de antanho.

Sonho afagando você,  
Ouvindo sua voz calma.  
Seu sentimento sustenta prazer.  
O cotidiano oculta sua alma.

Amor sem cenas.  
Sentido apenas.  
Chegando como tardes serenas.  
Saindo durante a quarentena.

## Amigos em fim de farra

Somos dois amigos  
Em fim de farra  
Ambos sem abrigo  
Largados na calçada.

Estamos em fim de farra  
Não nos resta mais nada  
Fomos jogados na rua  
Mas não devemos nada.

Só temos um ao outro  
Sei que parece pouco  
Mas somos solidários  
E isso ameniza a dor.

Ele foi traído  
Burlado e humilhado  
Trocado por um amigo  
Por isso vive arrasado.

Eu nem isso tive  
Fui muito desdenhado  
E a mulher que amo  
Se vende por uns trocados.

Somos dois amigos  
Em fim de farra  
Ambos comendo areia  
Deitados na calçada.

Pode parecer triste  
Dois amigos na calçada  
Chorando de madrugada  
As dores de quem vive.

Triste é não ter amigo  
Nem vida pra chorar  
Podemos não ter abrigo  
Mas temos o que contar.

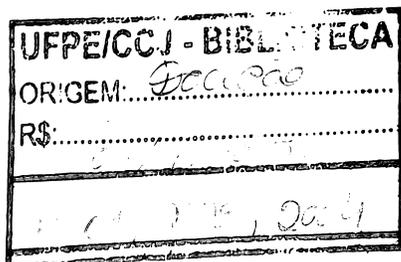
## Indo mais longe

Ao observar o vôo do pássaro,  
Que briga e se esforça  
Para vencer a resistência do ar  
E ganhar altitude  
Tento traduzir-lhe o pensamento

Ele, enganado, assim poderia pensar  
"Se não fosse esta resistência que me  
atrapalha,  
O meu vôo seria muito mais tranqüilo  
E eu poderia voar muito mais alto."

Mas como nos bem sabemos  
É essa dificuldade que o  
Empurra para cima  
E que possibilita o seu vôo,  
Um vôo mais longe.

Dom 19 de Maio de 2009 - FDR/CCJ





**Realização**

**DADSF**

Diretório Acadêmico Demócrito de Souza Filho  
Gestão Interativa - Vamos nos permitir

**NUCA**

Núcleo de Cultura e Arte - DADSF

**Apoio**



**Chesf**  
Companhia Hidro Elétrica do São Francisco

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL